

## Mugra Comix: lugares alternativos de autopublicação

1

2

HENRIQUE TORRES DE SOUZA ; HELENE SACCO

1

Universidade Federal de Pelotas – [henriquetorresdesouza@gmail.com](mailto:henriquetorresdesouza@gmail.com)

2

Universidade Federal de Pelotas – [sacco.h@gmail.com](mailto:sacco.h@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

No presente artigo que será apresentado, busco refletir minha produção como artista em formação por via de conceitos que permeiam os objetivos do Projeto de Ensino, onde sou bolsista, chamado *ESPAÇO DOBRA: acervo e ateliê de publicações artísticas*, Coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Helene Gomes Sacco. Entre os principais conceitos, que no projeto procuramos empreender, é a ideia da autoedição e autopublicação em arte impressa, por contemplar um domínio maior de todas as etapas de uma publicação artística e oferecer ao artista um alcance mais alargado sobre o processo, bem como uma aproximação maior também com o público leitor. Para isso, como forma de aprofundar essas questões abordarei aqui a produção do coletivo de arte impressa chamado *Mugra Comix*, que formei junto com os colegas *Érico Noronha* e *Amanda de Abreu*. Portanto, as particularidades de nossas próprias publicações, seguidas de referenciais artísticos e contexto histórico geral dessa forma de expressão artística serão o tema central do artigo.

O *Mugra Comix*, foi formado em 2017 e tem como característica principal, publicações que percorrem o imaginário de histórias em quadrinhos e dialogam com o universo dos *zines*, parte também de um grande caldeirão de personagens remanescentes de memórias de infância, de filmes B e que ainda reaparecem junto ao imaginário da cultura popular. Esteticamente são trabalhos muito simples, a maioria das vezes em P&B e de baixo custo. Somos os criadores, produtores e distribuidores das produções, o que condiciona a nossa atividade como artista dentro do coletivo, agenciando uma série de funções, ou “cargos”, de uma “micro-editora”.

Atuamos em feiras de arte impressa, bem como organizamos a primeira edição de uma feira gráfica, em parceria com o espaço cultural *M-qd*, localizado na zona portuária de Pelotas, conseguimos realizar uma feira de exposição e venda de arte impressa, a “1ª Feirinha Gráfica M-qd”, aconteceu no dia 18 de agosto deste ano, agregando não só uma grande quantidade de trabalhos impressos, como também outras linguagens: desenho, pintura, encadernação, tatuagem e música. O evento contou com a circulação de mais de 250 pessoas, 53 expositores locais e não-locais, somando ampla variedade e qualidade de trabalhos. A inscrição para expor no evento era gratuita e somente limitada à disponibilidade de mesas.

### 2. METODOLOGIA

Para pensar sobre as questões que o projeto de ensino procura desenvolver, analisaremos a formação do *Mugra Comix*, principalmente como organizamos o processo de criação e produção. O hábito do desenho coletivo

sempre esteve presente no grupo, além de uma dinâmica de socialização e desbloqueio criativo, acreditamos na potência estética do desenho feito por várias mãos, o qual carrega as influências de cada um na forma do traço e dos diferentes personagens. Do outro lado, também compartilhamos de uma compatibilidade de referências da cultura de massa e as enxergamos como um lugar de apropriação de imagem, um grande repertório de personagens, modelos de narrativa e substantivos.

A organização do grupo se dá em funções muito orgânicas e rotativas, tentamos realizar um processo de aprendizagem coletiva, onde ocorre a troca de habilidades nas ferramentas que utilizamos. Normalmente, o aprendizado surge a partir da necessidade de cada membro do coletivo quando então, nos debruçamos sobre determinada etapa do processo aprendendo com o fazer. Após a etapa de impressão, saímos juntos a vender ou trocar os *zines* pelas ruas da cidade, bares e feiras gráficas, partindo do princípio de que qualquer lugar pode vir ser um lugar, uma possibilidade de multiplicação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto histórico das publicações de baixo custo, os livretos, transparecem sua circulação no campo da arte a partir dos anos 60, como apresenta a autora:

Entre os meios de expressão artística que surgiram nos anos 1960 e que compõem a 'arte contemporânea', o livro é, sem dúvida, o meio crítico por excelência. É, de fato, no espírito politicamente contestador e artisticamente experimental desse período que o livro encontrou um clima favorável. (MÖGLIN-DELCROIX, 2015, p.163)

Entretanto, desde a década de 30 os "*fanzines*", termo estrangeiro que nomeava as publicações produzidas por fãs de um determinado assunto, com frequência, fãs de literatura de fantasia e ficção científica, circulam em um contexto paralelo mais ligado à cultura de massa, logo, o interesse nessa linguagem como forma de expressão acessível.

O termo "*zine*" designa um tipo de publicação impressa de baixa tiragem e baixo custo, que tiram vantagem das técnicas mais baratas de reprodutibilidade, como a fotocópia (*xerox*). O processo de criação é simples e experimental, tudo surge primeiro no papel, riscado a lápis ou caneta. O desenho rudimentar – às vezes abstrato –, é comum em nossas publicações, indicando uma possível sátira e contestação da estética naturalista. Além disso, as narrativas carregam os sentidos, fenômenos e lugares do contexto que cerceiam os autores, muitas vezes trazendo temas como violência, tráfico e situações absurdas. A criação dos *zines* acaba nos situando em um lugar de marginalidade em relação às grandes editoras e, como afirma Möglin-Delcroix acerca da produção desses "pequenos livros":

"[...] abrem aos artistas o que no final dos anos 60 foi descrito por *Kate Linker* como um 'espaço alternativo' [...] Esse espaço alternativo é um espaço livre, fora das instituições estabelecidas, prestando-se assim para a expressão de projetos artísticos que vão além das normas-padrão – sem restrições ou numerosos intermediários." (2015, p.163)

Um outro motor que move nossa produção é a disparidade de valor dos trabalhos de arte, com obras de artistas inseridos no mercado de arte ultrapassando milhões de reais, como definir quanto vale uma *zine*? Para isso, procuramos estabelecer um valor mínimo sobre o custo de impressão, dessa forma, conseguimos manter um produto acessível, vendendo as *zines* por 2, 5 ou 10 reais, por vezes distribuindo-as gratuitamente.

O valor simbólico dos livretos está diretamente relacionado aos espaços de circulação dos trabalhos e o público que transita nesses espaços. Considerando o conteúdo das publicações, bem como a pretensão pela cultura popular, procuramos lugares que personifiquem esses elementos e agreguem diversidade cultural e econômica. Um desses lugares foi o “Marcelão”, bar e lancheria localizado no centro da cidade, onde propomos ao dono do estabelecimento um dia para expor a produção dentro do bar, logo, no dia 29 de setembro de 2017, lançamos o primeiro volume de “Boçais da Noite”. O segundo volume foi lançado no dia 7 de setembro deste ano no tradicional bar da região do porto, o “Bar do Zé”, notável por acolher diversas propostas artísticas e culturais de diferentes campos. Essa postura pode garantir um ambiente de liberdade, como descreve Mœglin-Delcroix:

“Finalmente, no contexto de uma desconfiança das estruturas tradicionais de distribuição da arte, algumas vezes em conflito aberto ou insidioso contra as instituições, uma brochura, impressa com baixo custo, dá ao artista plena liberdade de fazer o que quiser, como quiser, quando quiser e para quem ele quiser (2015, p.164).”

#### 4. CONCLUSÕES

Pela abordagem proposta neste texto, dissertamos acerca das publicações impressas de baixo custo, mais especificamente, os *zines*, compreendendo sua origem histórica como expressão de resistência artística nos anos sessenta e setenta. Dessa forma, podemos contextualizar nossa produção com a atual realidade e, não ignorando, pelo contrário, nos apropriando do conhecimento previamente concebido. Produzindo *zines* e outros impressos a partir de apropriações de elementos da cultura popular. Conseguindo fazer arte de forma autônoma, e ao mesmo tempo preservando a forma colaborativa em diálogo com outros artistas, instauramos como característica principal a prática da liberdade como processo, distribuição e apresentação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GODOY, Ana. Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes. **RUA**, Campinas, SP, v. 17, n. 1, jul. 2015. ISSN 2179-9911. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638840>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MÖGLIN-DELCROIX, Anne. Pequenos livros & outras pequenas publicações. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, ano 5, julho de 2015.p. 161-165.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. A 'Revista Classificada' de Paulo Bruscky. **Estúdio**, Lisboa, v. 6, n. 11, p. 222-232, jun. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1647-61582015000100023&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582015000100023&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 9 set. 2018.